

JORNADA de ESTUDOS

2021

25, 26 e 27 de maio
19 às 21h

■ DESORIENTAÇÃO NA SUPERFÍCIE: ENTRE O INFINITO E OS LIMITES DA PAISAGEM ■ FORMA E CONTRAFORMA DA TRAMA: ELEMENTOS COMPOSICIONAIS DAS NARRATIVAS TÊXTEIS ■ TRÊS CIRCUNVOLUÇÕES POSSÍVEIS: ENTRE ATIPOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO NO SISTEMA DAS ARTES ■ OU, COMO HABITAR O PRESENTE ■ A IMAGEM DA INQUIETAÇÃO ■ «CASSINO»-MUSEU: NO ENTRE-ESPAÇO DE UM CASSINO EXTINTO E UM MUSEU EM PROCESSO ■ POEIRA E SONHO ■

org:

Patrícia Franca-Huchet

Rizzia Rocha

Stéphane Huchet

PPGARTES UFMG

BEIT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo

_argumento

A pesquisa em arte almeja afirmar o valor do objeto artístico enquanto objeto de conhecimento dentro da própria área e nas suas conexões transdisciplinares: história, literatura, psicanálise, antropologia, etnografia, sociologia etc. Propõe investigar um certo funcionamento da produção dos processos artísticos e seus resultados. Esse ponto é importante na hora de inscrever nossa pesquisa num espaço de trabalho afirmando o desejo de investir e investigar modalidades contemporâneas para criar, conceber e produzir arte. Para a Jornada de Estudos 2021 discutiremos sobre os processos das pesquisas em andamento. Essa Jornada tem como objetivo principal ouvir e discutir sobre a orientação das narrativas que envolvem o legado de histórias das gerações passadas, lições de sabedoria e frutos de experiências acumuladas. A arte tem um impacto social na educação estética, elaborando os sentidos, assim como na crítica e produção de imagens, objetos e escolhas curatoriais que repercutem no espaço público.

Patricia Franca-Huchet
Stéphane Huchet
Rizzia Rocha
[Comitê Científico]

_programação

4. dia 25

JOSÉ LARA | Desorientação na superfície: entre o infinito e os limites da paisagem

Prof^a convidada: Marina Câmara | UFRGS

NATÁLIA REZENDE | Forma e contraforma da trama: elementos composicionais das narrativas têxteis

Prof^a convidada: Bárbara Mól

dia 26

LETÍCIA WEIDUSCHADT | Três circunvoluções possíveis: entre atipologias e estratégias de pertencimento no sistema das artes

Prof^a convidada: Claudia França | UFES

PATRICIA CHIAVAZOLLI | Ou, como habitar o presente

Prof^a convidada: Marina RB

dia 27

FLÁVIA BERTINATO | A imagem da inquietação

Prof^a convidada: Elisa Campos | UFMG

MARCONI DRUMMOND | Cassino»Museu: no entre-espço de um cassino extinto e um museu em processo

Prof^a convidada: Rita Velloso | UFMG

NINA ARAGÓN | Poeira e Sonho

Prof^a convidada: Janaína Rodrigues | UFMG

_palestrantes

JOSÉ LARA Artista visual e pesquisador. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG. Produz imagens através de meios múltiplos, baseando-se na vivência na região do Quadrilátero Ferrífero mineiro, onde testemunha o processo de transformação da paisagem e desenvolve uma pesquisa teórica em torno do tema. É mestre em Artes (2018) e bacharel em Pintura (2014) pela EBA/UFMG.

NATÁLIA REZENDE Artista e pesquisadora. Doutoranda no PPGArtes da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da prof. Dra. Patricia Franca-Huchet, bolsista CAPES/PROEX (2020). Mestre em Artes com bolsa CAPES/PROEX (2018) e bacharel em Artes Visuais com habilitação em Desenho (2012) pela mesma instituição. Em sua prática artística e pesquisa acadêmica, dedica-se à investigação das artes têxteis e suas potencialidades plásticas, conceituais e históricas, observando especialmente a produção de artistas mulheres latino-americanas.

LETÍCIA WEIDUSCHADT Artista visual, professora e pesquisadora graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina e mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais. É bolsista CAPES/PROEX, membro do grupo de pesquisa "Bureau de estudos da imagem e do tempo" e atualmente desenvolve sua pesquisa de doutorado sobre processos de criação nas artes visuais: o artista e seus métodos.

PATRICIA CHIAVAZZOLI Artista e pesquisadora, investiga a relação entre espaços de habitação, memória, casa, domesticidade e gênero. Sua prática artística movimenta-se através de linguagens diversas como fotografia, vídeo, instalação, livro e escrita. Doutoranda em Artes pela UFMG onde realiza a pesquisa intitulada Poéticas do habitar: a casa na produção artística feminina contemporânea. Integra a equipe do Departamento Cultural da UERJ, trabalhando com produção e organização de exposições e arte-educação.

6. FLÁVIA BERTINATO Bacharel em Artes Visuais pelo IA|UNESP (2002) e mestre em Artes Visuais pela ECA|USP (2013). Ministrou cursos no Museu de Imagem e Som de São Paulo (MIS-SP), Centro Cultural São Paulo (São Paulo) e no setor do educativo CEUMA|USP. Participou de diversas exposições individuais e coletivas, entre estas, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, Centro Cultural São Paulo, Museu de Arte de Ribeirão Preto, Museu de Arte da Pampulha, Fundação Clóvis Salgado, Celma Albuquerque Galeria de Arte. Em 2015 recebe o Prêmio CCBB Contemporâneo. Atualmente, cursa o doutorado pela EBA/UFMG, sob orientação do prof^o Stéphane Huchet.

MARCONI DRUMMOND Artista visual e curador independente. Opera principalmente na área das artes visuais e na prática curatorial em diálogo com outros campos de conhecimento. Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992) e especialização em Gestão Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999). É mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG (2011). Atuou como curador do Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, entre 2006 e 2010. Doutorando no PPGArtes da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do prof. Dr. Stéphane Huchet, bolsista CAPES/PROEX (2021).

NINA ARAGÕN Artista. Doutoranda e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG. Mestrado e Graduação pela mesma instituição. Integra o Núcleo das Artes da Associação Segunda Letra de acolhimento de sujeitos no TEA: Autismo Arte e Saúde mental. Atua em psicanálise no "Efeitos", originado do Projeto Janela da Escuta (UFMG) durante a pandemia.

_participações especiais | docentes convidados

MARINA CÂMARA Professora do Instituto de Artes da UFRGS, Pós-doutoranda no Depto de Letras Modernas da FFLCH USP, Doutora em Artes pela EBA UFMG (período sanduíche na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne). Tradutora de textos como "Inobedientia", de Emanuele Coccia e "Marino Marini: do arcaísmo ao fim da forma", catálogo organizado pela Fundação Iberê Camargo e pela Pinacoteca de São Paulo. Atua também como curadora e crítica independente.

BÁRBARA MOL Artista visual e pesquisadora. Doutora em Artes pela UFMG com a tese Babel: a postura do artista no paradigma da arte contemporânea (2020). Mestrado e Graduação pela mesma instituição. Estuda a postura de artistas contemporâneos/contemporâneas em relação ao contracampo social do artista. Desenvolve projetos autorais por meio da criação poética, reflexiva e crítica de imagens e palavras em diálogo com a Filosofia, a Sociologia e a Literatura dos séculos XX-XXI, em especial, conduzidas por mulheres. Atualmente investiga a forma/método do tortuoso entre os imaginários do cerrado e barroco ouropretano.

CLÁUDIA FRANÇA Graduação em Artes Plásticas (Desenho e Escultura) pela EBA/UFMG; Mestrado em Artes Visuais (Poéticas Visuais) pelo IA/UFRGS; Doutorado em Artes (Poéticas Visuais) pelo IA/UNICAMP. Docente no Instituto de Artes da UFU, Uberlândia (MG), de 1991 a 2016, atuando na Graduação e Pós-Graduação em Artes. Atualmente é docente no Centro de Artes da UFES, Vitória (ES), atuando na Graduação e Pós-Graduação em Artes. Como artista visual, trabalha com instalação, objeto e desenho, lidando com temas como a domesticidade, a plasticidade da linha e a relação imagem/palavra. Como pesquisadora, também se insere no estudo sobre Dinâmicas do Processo de Criação e Desenho Contemporâneo.

MARINA RB Artista visual e pesquisadora. Trabalha entre performance, fotografia, vídeo, gravura, costura, instalação, desenho e pintura. Partindo de uma perspectiva autobiográfica, integrada e

atenta ao coletivo, suas pesquisas práticas e teóricas privilegiam a capacidade de fabricação de mundos que as imagens possuem. Articulando a dupla fato/ficção para construir suas obras, é uma exploradora das dobras e camadas do corpo e do tempo. É doutora pela Université Sorbonne-Nouvelle Paris 3 (2019), mestre e bacharel pela Escola de Belas Artes da UFMG (2015 e 2011 respectivamente).

ELISA CAMPOS Artista, pesquisadora e professora de Artes Gráficas e do PPG Artes EBA/UFMG dedicada à Espacialidade na Arte - crítica, curadoria e estratégias gráficas e artísticas no museu, na cidade e na paisagem. Com estágio doutoral na Paris 8 – Paris/FR (CAPES), foi professora anfitriã no 1º Programa de Cátedras Francesas na UFMG (2014/15), em colaboração com Philippe Dubois (Paris 3/FR) e coordena, desde 2013, o Grupo de Pesquisa LEVE | laboratório de estudos e vivências da espacialidade. Fez Pós-Doutorado na École National Supérieure d'Architecture de Marseille/FR (2018) com a pesquisa "Partilhar percursos: poéticas do deslocamento e da pausa na arte".

RITA VELLOSO Possui graduação em Arquitetura, mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio doutoral na McGill University, Montreal. Integra o corpo docente do NPGAU (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) - UFMG, como professora permanente, orientando nos cursos de mestrado e doutorado. Coordena o grupo de pesquisa Cosmópolis (CNPq), sediado na Escola de Arquitetura da UFMG. É pesquisadora do Observatório das Metrôpoles na UFMG. Sua atividade docente está orientada para as disciplinas de teoria e história da arquitetura e do urbanismo, com ênfase na relação entre arquitetura e filosofia, tanto estética como política, em especial naquela construída por Walter Benjamin, Guy Debord e Henri Lefebvre, no campo filosófico e por Manfredo Tafuri, no campo arquitetural. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Teoria da Arquitetura, História e Teoria da Cidade, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria da arquitetura, teoria urbana, planejamento urbano e história urbana, estética e teoria crítica urbana.

JANAÍNA RODRIGUES Artista visual e Professora da Escola de Belas Artes pelo Departamento de Artes Plásticas: UFMG. Mestre pelo PPGArtes VISUAIS da UFRGS. Desenvolve projetos artísticos em diferentes mídias criando relações entre os temas da natureza-morta e a materialidade da pintura, cerâmica, vídeo e instalação.

CAMILA MOREIRA Artista Plástica. Doutora em Arts Plastiques pela Université de Paris 1 — Panthéon Sorbonne/França. É mestre em Arts Plastiques pela mesma universidade. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é Professora Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais: Departamento de Desenho/Escola de Belas Artes. Sua pesquisa contempla o desenho na atualidade, processos híbridos, o exílio, a mestiçagem na arte e o processo de criação. Atua como artista visual com mostras no Brasil e no exterior. É coordenadora do NEDEC / UFMG (Núcleo de Estudos e Ensino em Desenho Contemporâneo) das linhas de pesquisa: Desenho e Hibridismo de Linguagens e linha de pesquisa: Desenho Contemporâneo; pesquisadora do NUPPE/UFU (Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino) linha de pesquisa: Pintura e Interfaces com outras linguagens; linha de pesquisa : Estudos Cromáticos; e membro da Associação de Artistas (Art)ère- Paris-França.

RODRIGO BORGES Professor Adjunto da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Artista-pesquisador com doutorado (2017) e mestrado (2005) em artes pela EBA/UFMG, graduação em Arquitetura e Urbanismo (1997) pela Universidade Federal de Viçosa e em Artes Visuais/Desenho (2002) pela EBA/UFMG. Suas proposições plásticas, referenciadas no campo da pintura e do desenho, buscam ativar o ambiente, fazendo corpo com as arquiteturas, pessoas e situações específicas presentes em cada lugar de exposição. Desde 2005, tem utilizado fitas adesivas como matéria base a partir da qual constrói modos de entrelaçar e envolver planos, volumes e arquiteturas aos sujeitos e suas ações.

_comitê científico e orgs:

PATRICIA FRANCA-HUCHET é professora pesquisadora e artista. Ensina no PPGArtes da UFMG e no Departamento de Desenho da EBA/UFMG. Doctorat e Master pela Université de Paris I | Sorbonne. Master 1 pela Université de Paris VIII. Pós-doutorado pela Université de Paris III e EHESS. Trabalha sobre a imagem [literária e fotográfica] focalizando seu interesse pela reconstrução crítica da tradição pictural. Divide as suas atividades entre o ensino, pesquisa, apresentações orais de trabalho, publicações, edições, curadoria de eventos e exposições. Coordena o Grupo de Pesquisa Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo. Pesquisadora do CNPq.

RÍZZIA ROCHA Doutora em filosofia pela UFMG, com estágio doutoral na Hochschule für Grafik und Buchkunst em Leipzig. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa "A crítica como elemento poético na produção artística contemporânea" em residência pós-doutoral (PNPD/CAPEs) na Escola de Belas Artes da UFMG, onde também é professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Artes.

STÉPHANE HUCHET Professor Titular da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do CNPq. Publicou os livros "Le tableau du monde". Paris: L'Harmattan (1999); "Castaño". "Situação da pintura", Belo Horizonte: C/Arte, 2006; "Intenções espaciais". Belo Horizonte: C/Arte, 2012; e uma coletânea intitulada Fragmentos de uma Teoria da Arte, São Paulo: Edusp, 2012. Publicou também vários artigos, no Brasil e na França. Membro do Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo.

_resumo das apresentações

DESORIENTAÇÃO NA SUPERFÍCIE: ENTRE O INFINITO E OS LIMITES DA PAISAGEM

JOSÉ LARA DIA 25/05

A Fita de Möbius é o resultado do encontro das duas extremidades de uma faixa torcida em meia volta sobre si mesma, de uma operação que confunde as duas faces de uma superfície. A frente se torna avesso e vice-versa; ou melhor, o objeto passa a ter um só lado, representando um caminho sem início e fim. A própria natureza tem caráter infinito; não enquanto matéria prima para a indústria, mas como unidade. No entanto, seu sentido total é fragmentado pela capacidade intelectual humana de inventar a paisagem, segundo uma tradição estética. Mas anteriormente à projeção da cultura sobre a natureza, a paisagem existe enquanto matéria, formada e transformada ao longo de uma escala temporal muito ampla.

A pesquisa é direcionada para o caso específico do Quadrilátero Ferrífero, província geológica de Minas Gerais, onde o substrato natural da Terra é abruptamente exaurido e revirado pela mineração. Consequentemente, o ataque às formas de relevo atinge a memória coletiva do povo mineiro, cuja identidade cultural é indissociável da imagem da geografia física produzida pelas artes visuais e pela literatura. Na pintura "Noite de São João", de 1961, de Alberto da Veiga Guignard, a representação de uma materialidade topográfica imensurável é tensionada por um tratamento pictórico fluido, capaz de criar um espaço indiferenciado, simultaneamente terreno, aéreo e líquido. Nessa paisagem etérea, a profundidade se perde no horizonte. No ensaio fotográfico "A Cidade e a Serra", feito entre 1996 e 1997 por Rogério Arruda, a presença imagética da Serra do Curral em Belo Horizonte se apresenta como plano intermediário entre o ambiente urbano e o céu; ou seja, entre uma dimensão literalmente concreta e outra intangível.

Proposta por August Ferdinand Möbius, em 1858, no contexto dos estudos matemáticos sobre orientabilidade, a Fita de Möbius é uma superfície de percurso interminável, onde não é possível escolher consistentemente uma direção no sentido horário para um movimento em "loop". Enquanto espaço não orientável, esse objeto incita uma reflexão em torno da relação entre paisagem e tempo nas obras de Guignard e Arruda, assim como na minha própria prática artística.



JOSÉ LARA, sem título, 2021, impressão digital, dimensões variáveis.

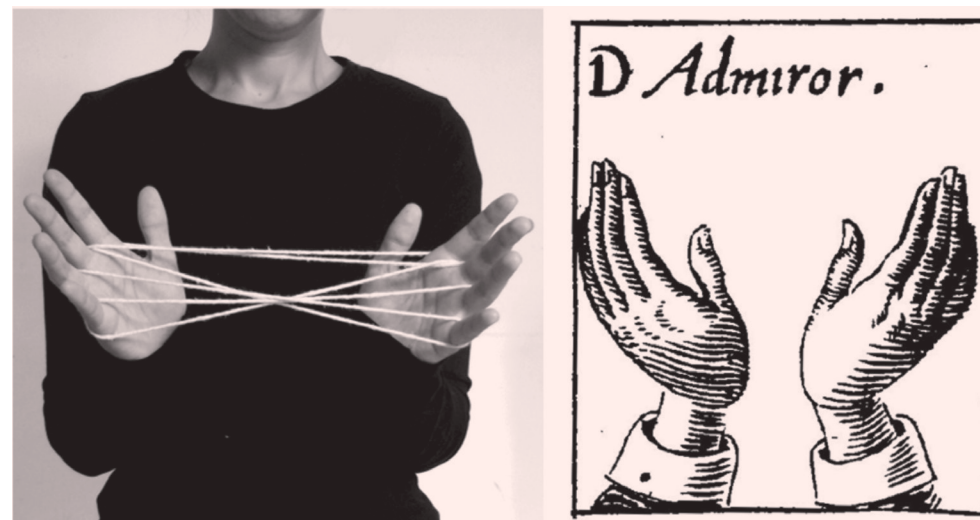
FORMA E CONTRAFORMA DA TRAMA: ELEMENTOS COMPOSICIONAIS DAS NARRATIVAS TÊXTEIS

Essa apresentação pretende apontar alguns aspectos compositivos das artes têxteis que as tornam uma linguagem capaz de narrar memórias, considerando tanto quanto sua relação com a textualidade da palavra bem como a visualidade que acontece na superfície da trama, não se reduzindo, entretanto, a nenhum desses extremos — do texto e da imagem. Compreendendo a trama como uma camada de traduções, será analisada a maneira com que as diferentes técnicas têxteis, instrumentos e suas múltiplas relações com o corpo geram um vocabulário de padrões que são, por sua vez, artifícios de rememoração. Será trazida a figura da forma e da contraforma, do subsequente encaixe de padrões, como a imagem referencial da tradução. A noção de tradução não se limita, aqui, apenas a um deslocamento entre linguagens: traduz-se também o passado no futuro e o futuro no passado pela transmissão intergeracional que atualiza as tradições.

Enquanto uma estrutura composta de duplicidades, a trama opera, ainda, a partir de uma relação binária, mas uma binariedade que será tomada como dinâmica, uma vez que expressa a simultaneidade destes duplos. Sobreposição e ocultamento, cheio e vazio, frente e verso, vertical e horizontal, rigidez e fluidez são alguns dos componentes dinâmicos que caracterizam essa duplicidade. No que diz respeito às narrativas da memória, os movimentos de lembrança e esquecimento serão assimilados a tais elementos duplos, bem como a tradição e a atualização que reconfiguram a própria categoria de arte têxtil.

Por fim, será abordada a remodelação do texto através da linha, que torna tanto a palavra quanto a imagem material, e metaforicamente imbuídas de textura, o que entendo como a propriedade comunicativa da trama, ou seja, aquilo que entrelaça todas as suas características e transforma, também, a própria concepção estrutural

do tecido. A apresentação será permeada pelas imagens de minha própria prática artística em diálogo com artistas contemporâneas que também se dedicam ao trabalho com as linhas. A discussão será atravessada pelo pensamento de Mary Carruthers em "A técnica do pensamento" (2011), Tim Ingold em "Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição" (2015), Anni Albers em "On Weaving" (1974) e "El Diseño" (2019), Els Lagrou em "A Fluidez da Forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)" (2007), além dos textos e entrevistas da artista chilena Cecilia Vicuña.



NATÁLIA REZENDE, "Admiror"
Da série "Falar com linhas / jogar com a língua",
2017-2021, fotografia digital.

TRÊS CIRCUNVOLUÇÕES POSSÍVEIS: ENTRE ATIPOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO NO SISTEMA DAS ARTES

LETÍCIA WEIDUSCHADT DIA 26/05

Entender o processo criativo como circunvolução é considerar sua continuidade e retomada experiências anteriores. É revisitar o quanto ele involui, para seguir. É abandonar o pensamento de origem e compor uma noção em que não há progresso, mas um mergulho em experiências que traz, por vezes, a maturidade em algumas de suas obras. Vivências, escolhas e intenções compõe este emaranhado que se estende à circulação das obras. Para compor nossa análise, nesta comunicação, revisitaremos o texto de Baudrillard "O que fazer depois da orgia?" a fim de compreender a potência criativa de Nelson Leirner, Tatiana Blass e Marco Paulo Rolla enquanto imaginário fractal. Ainda que o fractal impõe o aspecto viral, afastamo-nos da compreensão dos fractais de "Mandelbrot" que preveem a retomada de uma mesma imagem que se reproduz infinitamente dentro dela mesma. Ainda que podemos reconstituir sintomas, ao revisitar a produção artística, questões persistem e se replicam em múltiplos formatos tendo, por fim, nuances particulares que se adaptam à um contexto específico.

Isto exposto, eis que anunciamos que o processo criativo possui um valor viral no sentido de estabelecer suas intenções e a produção de sentido enquanto o movimento criador. Há uma expansão, uma proliferação e uma dispersão não metódica que se direciona ao mundo. Por mais que o artista busque o controle do processo, há uma parte que lhe escapa. Por mais que ele acredite dominar todo o seu sentido, há uma potência da criação que expande.

Através de entrevistas e de outros documentos processuais revisitaremos as escolhas conscientes desses artistas enquanto estratégias para sua inserção no mercado de arte. Para esta análise, utilizamos a metodologia do Ator-Rede, proposta por Bruno Latour, observaremos algumas relações sociais estabelecidas no

processo criativo com o intuito de reconstruir marcos e questões que ora catalisam a criação, ora a modificam. Perante esta construção, interessa-nos nessa comunicação refletir acerca de modalidades de pertencimento no lugar de sucesso econômico das artes, avaliando como esses artistas agenciam seus processos, obras e a imagem de si através do que diagnosticamos enquanto atipologias metodológicas.



ANNA MARIA MAIOLINO, "Entrevidas", série "Fotopoemação", 1981, fotografia analógica PB. 105 x 64,5 cm (cada). Coleção Eliane e Álvaro Pereira Novis.

OU, COMO HABITAR O PRESENTE

PATRICIA CHIAVAZZOLI DIA 26/05

A pesquisa Poéticas do habitar parte da investigação sobre formas possíveis de habitar o presente, sublinhando que a ideia de presente aqui discutida se apoia no traço relativo do termo sem apontar um espaço-tempo específico, mas permitindo a reflexão sobre qualquer tempo ou qualquer espaço. Como habitamos? Como nos apropriamos da cidade, do lugar onde moramos para imaginar e criar outras formas possíveis de habitar que permitam um sentimento de acolhimento, fabricação de memórias, reconhecimento mútuo, amparo e enraizamento tão caro à experiência humana, à nossa sobrevivência física, psíquica e emocional? Através da análise de obras artísticas desenvolvidas por mulheres a partir da década de 1970 que refletem sobre a casa, domesticidade e gênero e da pesquisa de imagens e textos em arquivos públicos jornalísticos que abordam o tema, pretende-se pensar sobre a ideia de habitação, a relação entre arquitetura e construção de subjetividade e sobre o que nos dizem as imagens. Defende-se a possibilidade de coexistirem formas outras de habitar; o desejo por maneiras distintas de habitar o presente. Se, como afirma a socióloga Marion Segaud, "o espaço habitado obviamente é uma construção social", argumenta-se que as formas de habita-lo podem ser construídas e reconstruídas continuamente, a partir de múltiplas experiências.

Palavras-chave: habitar, imagem, arquivo, arquitetura, memória



PATRICIA CHIAVAZZOLI, "Exercícios sobre a casa".
Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 2020-2021, grafite sobre parede.
Fonte: Arquivo pessoal da artista

A IMAGEM DA INQUIETAÇÃO

FLÁVIA BERTINATO DIA 27/05

Ao adentrarmos meio aos fragmentos textuais organizados por Walter Benjamin, aproximamo-nos de uma definição de alegoria como sendo a relação construtiva de correspondência da Atualidade com um elemento da Antiguidade. Muitas vezes, tal relação é referida como a “imagem da inquietação petrificada”. O encontro do indivíduo com um conhecimento histórico, profundo e longínquo. Ao passo, que, neste exercício, modifica-se o próprio objeto, sob as contingências perceptivas e circunstanciais do presente. Na obra deste filósofo, que se debruçou sobre os fenômenos da modernidade como objeto de análise, sendo a alegoria, um de seus principais elementos, encontramos, também, a seguinte definição: a alegoria, precisamente em seu furor destrutivo, visa a aniquilação da aparência baseada na “ordem estabelecida” seja da arte, seja da vida – a aparência de uma totalidade.¹

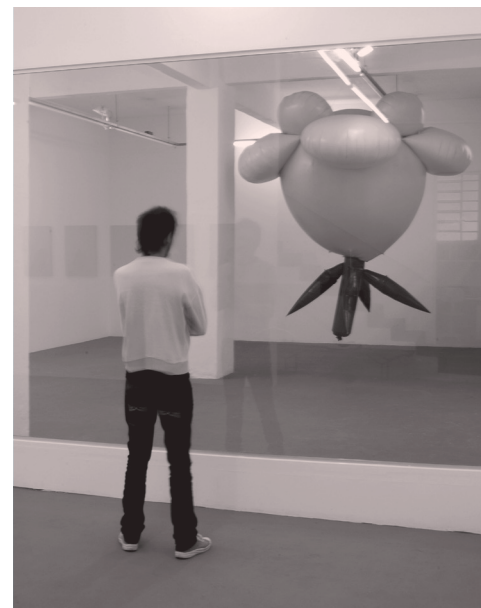
Partindo de um recorte da produção artística que venho desenvolvendo nos últimos anos, proposições que lidam com convenções, símbolos decantados do universo popular ou da esfera da indústria cultural, o já visto e “clichês”, proponho uma reflexão em torno de construções alegóricas do Feminino. Estes trabalhos em pinturas, instalações e fotografias, ao tencionarem esferas da violência, intimidade e a exposição do corpo erótico, tencionam, igualmente, um olhar metamorfeante do espectador. Na pesquisa de doutorado estendo essa reflexão, investigando a noção do olhar do “outro” (espectador – testemunho – cúmplice - “voyeur”), como elemento estrutural da própria construção alegórica.

Nesta investigação em torno do exercício do olhar, que a figura alegórica parece demandar em sua recepção, pontuais contribuições teóricas e artísticas fazem-se imprescindíveis. No Brasil, por exemplo, os pensadores Ismail Xavier e Celso Favaretto analisaram, com profundidade, o uso da função alegórica no Cinema Novo/Cinema Marginal e no Tropicalismo, respectivamente. Através do denso jogo entre forma e conteúdo, no cerne de nossa

matriz contemporânea artística, estaria a convocação para um olhar dialético do observador, no refazer do processo de construção de noções de História, Mitos Nacionais, Folclore, Carnaval, Primeiro e Terceiro Mundo, Moderno e Arcaico, Centro e Periferia.

É no sentido forte daquilo que Benjamin dizia ser o poder da alegoria, a sua função de “desmitologização”, portanto, que localizo a potência de uma abertura para o exercício inquietante do olhar diante a noção de Feminino. O descortinar para uma reflexão que considere as experiências diversas do corpo vivo, mutante, com seus modos de subjetividade e contradições, em face do outro.

¹ BENJAMIN, Walter. Passagens. Org. Willi Bolle. Colaboração na organização Olágaria Chain Férez. Tradução do alemão Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 377.



FLÁVIA BERTINATO, “Calada”, 2008. Instalação. Balão de filme poliuretano, tinta poliuretano e vitrine de vidro temperado 500 x 360 cm. Visualização exposição individual “Solstício”, Galeria Virgílio, São Paulo, SP, 2008.

CASSINO»MUSEU: NO ENTRE-ESPAÇO DE UM CASSINO EXTINTO E UM MUSEU EM PROCESSO

MARCONI DRUMMOND DIA 27/05

A pesquisa "CASSINO»MUSEU: no entre-espaço de um cassino extinto e um museu em processo" encontra-se ancorada nos três marcos históricos que forjaram a transformação da edificação modernista, hoje Museu de Arte da Pampulha, em espaço museológico dedicado às artes visuais: a inauguração do Cassino da Pampulha (1943), a desativação do cassino estabelecido por força do decreto-lei que proibiu os jogos de azar no Brasil (1946) e a transformação do edifício em museu de arte (1957). O breve percurso histórico delineado aponta uma história recente com amplas zonas de ausência e esquecimento. Por que uma edificação tão emblemática não tratou de preservar os artefatos componentes de sua história, a despeito da própria edificação, peça principal do acervo deste período? Do extenso conjunto de itens que provia o salão de jogos, o grill-room, o bar, a cozinha e áreas adjacentes, espaços integrados à estrutura do antigo cassino, por que ficaram preservados escassos artefatos históricos? Qual é a atualidade do vestígio? Como as coisas chegaram a ser ruínas hoje? A investigação nasceu dessas indagações bem como da constatação da aparente escassez e ausência de acervos – históricos, documentais, iconográficos, videográficos e artísticos – que referenciassem à história pregressa e remissiva ao antigo cassino, hoje museu de arte. O cerne da pesquisa foca-se, por meio de diferentes poéticas visuais, na inter-relação entre arte, curadoria, história, arquitetura e museologia contemporânea. Compreendida como uma experimentação artística e tramadas com distintas relações – históricas, artísticas, objetuais, espaciais, atemporais –, esta operação acumulativa de coisas guardadas, esquecidas, extraviadas e recuperadas poderá, ao longo do percurso da pesquisa, constituir-se como um "coisário", uma coleção de um outro museu possível, que terá a sua face desenhada pelos artefatos inventariados e coletados, iluminada pela arte contemporânea.



Prédio do Cassino da Pampulha em construção. Agosto de 1943, autor não identificado. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte, MG.

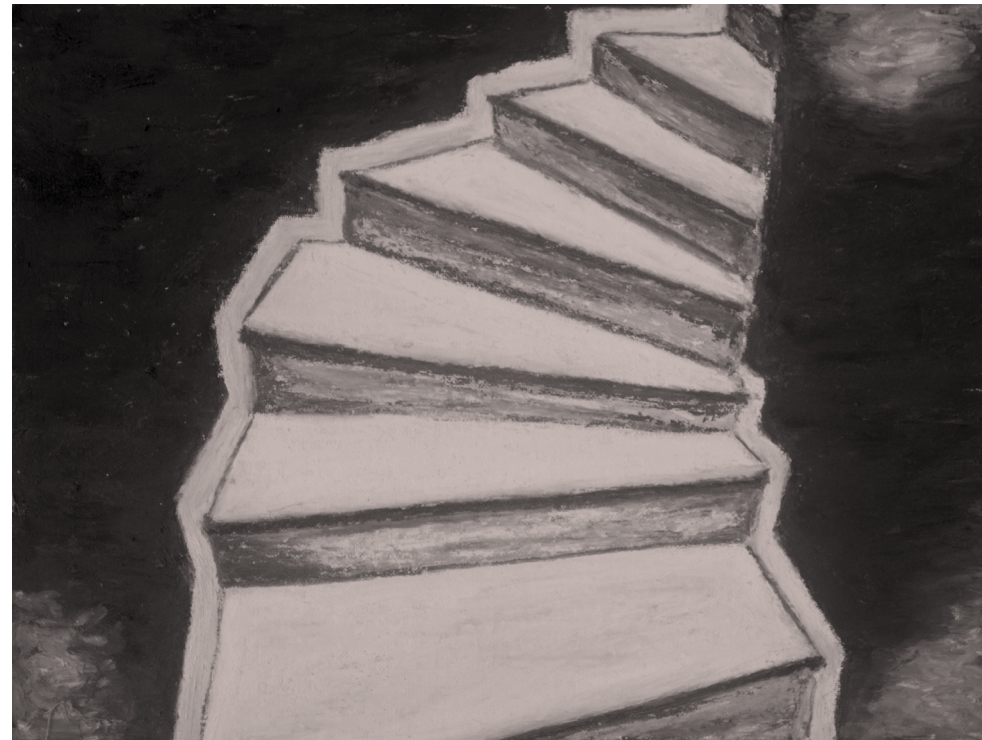
POEIRA E SONHO

NINA ARAGÓN DIA 27/05

Trabalhar com o desejo é trabalhar com a imagem, enquanto raiz do que é verbal. Para escutar o significativo é preciso desenhar a palavra. É preciso ter uma escuta que olha. É preciso ter um ser de poesia. Proponho pensar a dimensão clínica na arte, sob uma ética da singularidade, na perspectiva de pensar entrelaçamentos entre a psicanálise e a arte. Esta pesquisa se envereda pelos caminhos dos sonhos. Traça-se um percurso que tangencia a noção de figurabilidade, transita no campo da narrativa e suas materialidades, considera a teoria dos mundos possíveis, e propõe-se a pensar alternativas na "solidão:comum" como aprendi com Jorge Aléman. A noção de figurabilidade trata da origem da formação das imagens, seus mecanismos, o percurso dos traços mnêmicos no aparelho psíquico, a importância e primazia da imagem visual na elaboração dos sonhos. Mas, para além disso, assim como importa para a psicanálise a escolha dos significantes para contar os sonhos, é intenção da pesquisa investigar formas de materialização da narrativa do sonho no campo das artes plásticas.

Considera-se a dimensão do sonho não só como experiência cotidiana de dormir — sonhar à noite e esquecer no dia seguinte — mas uma instância de existência que busca no sonho as orientações para as escolhas do dia a dia, que se revelam como possibilidades abertas, como aprendi com Ailton Krenak. Assim, proponho pensar alternativas de "ex-sistências" na construção de mundos possíveis, de formas inventivas, que nascem do mundo onírico. Pensar a instância coletiva, preservando, até as últimas consequências, a radicalidade da solidão comum, a brecha ontológica dos sujeitos, o irrepresentável, o fora de sentido.

Palavras chave: linguagem, testemunho, sonho, entrelaçamentos entre Arte e Psicanálise.



NINA ARAGÓN, espiral, 2020, técnica mista.

